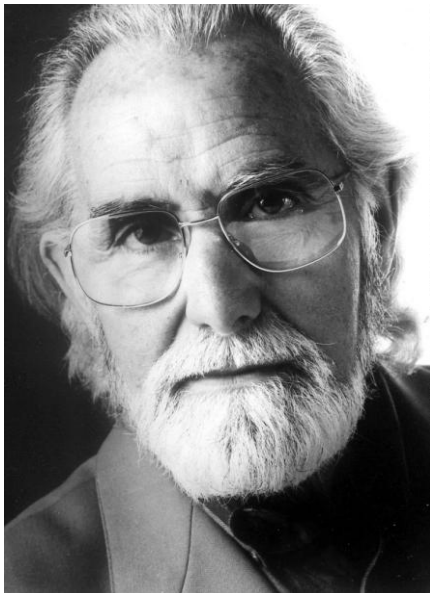


EGITO GONÇALVES



Exerceu várias atividades profissionais, desde funções comerciais, a tradutor e jornalista. Figura reconhecida nos meios poéticos da década de 50, Egito Gonçalves esteve ligado a publicações onde se revelaram e afirmaram alguns dos maiores poetas da época contemporânea: fundou e dirigiu, no Porto, *A Serpente*; participou na direção do último número da revista *Árvore*; foi codiretor e um dos principais responsáveis de *Notícias do Bloqueio*; dinamizador da coleção "Germinal"; um dos fundadores do Teatro Experimental do Porto; correspondente em Portugal do "Centre International d'Études Poétiques". Conhecida pelo seu cunho combativo e intencionalidade social, a poesia de Egito Gonçalves encontra muitas vezes no diálogo e apelo a um interlocutor não nomeado a situação comunicativa privilegiada para aludir de forma irónica ou diferida a contextos históricos, encontrando nessa mediação o distanciamento preciso para que a sua voz não ceda à expressão sentimental de um lirismo motivado por situações trágicas. Esse discurso dirigido a um tu, mensageiro do bloqueio e da resistência ("Vai pois e noticia com um archote / aos que encontrares de fora das muralhas / o mundo em que nos vemos, poesia / massacrada e medos à ilharga" ("Notícias do Bloqueio" in *A Viagem com o teu Rosto*), ou companheira cujos "ombros nus são a evasão possível" ("Localização", in *A Evasão Possível*), evolui também, sem rejeitar uma imagética de teor surrealista, para o discurso de um nós, que conhece uma situação coletiva de mordaza e paz absurda ("Morremos pouco a pouco neste vácuo / que a solidão nos serve como leite", in *Os Arquivos do Silêncio*), mas que não recua, esperando o momento em que lhe será restituída a dignidade: "Este cemitério é vasto e sem muros. / Aí nos situamos; e entre nós / há esta só diferença: nós podemos / fazer ainda a vida acontecer." ("Colóquio com um Fuzilado", in *Os Arquivos do Silêncio*).